

Métodos de Alfabetização utilizados no terceiro ano do primeiro ciclo do Ensino Fundamental I de escolas da rede municipal, estadual e privada do Município de Visconde do Rio Branco-MG

Vanessa Martins Ferreira - nessiamferreira@gmail.com
Rilza Rodrigues Toledo - rilzatoledo@yahoo.com.br

Curso de Pedagogia Ubá **Ubá - MG/dez. 2016**

Resumo

O presente artigo trata-se dos métodos de alfabetização utilizados em três escolas de ensino regular da cidade de Visconde do Rio Branco- MG. Optou-se pela escolha do tema, pois acredita-se que os métodos utilizados para alfabetizar não atendam às necessidades de todos os alunos prejudicando o processo de aprendizagem. O objetivo deste trabalho é analisar os métodos de alfabetização utilizados em escolas públicas, estadual, municipal e particular de Ensino Fundamental I, e especificamente, verificar quais os métodos adotados para alfabetizar, analisar se o método adotado é aplicado corretamente e analisar o resultado dos alunos no processo de alfabetização da cidade de Visconde do Rio Branco, Minas Gerais. A pesquisa é de nível descritiva, pois a mesma visa observar, registrar, classificar e interpretar os dados sem interferência, sem manipulação do pesquisador. O instrumento metodológico utilizado para coleta de dados foi o questionário com questões objetivas e subjetivas. A amostra composta por professores de três escolas regulares, sendo uma da rede estadual, uma de rede municipal e uma da rede privada de ensino do município de Visconde do Rio Branco. Após responderem às questões, permitiu-se aquisição de dados para análise e discussão, com base no pensamento de autores consultados dentre eles: Bacha, Carvalho, Ferreira, Teberosky, Frade, Freire. Concluiu-se que ao final do 1º ciclo a maioria das crianças saem alfabetizadas, pois já conseguem ler, escrever e interpretar pequenos textos, todavia existem algumas que não conseguem vencer o processo de alfabetização necessitando, portanto de reforço escolar.

Palavras-chave: Alfabetização. Aprendizagem. Professor.

Abstract

This paper deals with the literacy methods used in three regular schools in the city of Visconde do Rio Branco-MG. This subject was chosen because it is believed that the methods used to teach literacy do not meet the needs of all students, impairing the learning process. The aim of this work is to analyze the methods of literacy used in public, state, municipal and private Elementary Schools and, specifically, to verify the methods adopted to teach literacy, to analyze if the adopted method is correctly applied and to examine the results from the students in the process of literacy in the city of Visconde do Rio Branco, Minas Gerais. The research is descriptive, once it aims to observe, register, classify and interpret the data without manipulation of the researcher. The methodological tool used for data collection was a questionnaire with objective and subjective questions. The sample consisted of teachers from three regular schools, one from the state system, one from the municipal system and one from the private system school in the city of Visconde do Rio Branco. After answer the questions, it was possible to acquire the data for analysis and discussion, based on the thought of some authors, among them: Bacha, Carvalho, Ferreira, Teberosky, Frade, Freire. It was concluded that at the end of the 1st cycle, most of children are literate, because they can read, write and interpret small texts, but there are some children who cannot overcome the literacy process, thus requiring school tutoring.

Keywords: Literacy. Learning. Teacher.

1. Introdução

O presente artigo aborda os diferentes métodos de alfabetização adotados pelos professores e utilizados nas salas de aula verificando até que ponto tais métodos podem influenciar na aprendizagem da criança. Criar ou inventar seu próprio método a partir de

fragmentos do cotidiano docente, seria mais confiável. Segundo Sebra; Dias (2012, p. 14), “é preciso conhecer a historicidade das práticas em alfabetização para transitar nesse terreno, reconhecendo os diferentes arranjos que as formas pedagógicas vão adquirindo na ânsia de responder a tantas e variadas demandas escolares”

A diversidade está/estará presente no interior das salas de aulas, pois em um mesmo ambiente o professor depara-se com diferentes níveis de aprendizagem, considerando difícil ensinar a ler e escrever. Diante desta situação, cabe ao professor refletir sobre sua metodologia e se adequar da melhor maneira possível a atender a essas necessidades conforme se verifica,

A prática de alfabetização é composta de modos de fazer assumidos por quem alfabetiza e também pelas teorias que vão se consolidando a cada época e, seja com o nome de técnicas, de métodos, de metodologia ou de didáticas de alfabetização, o fato é que os professores sempre precisaram/precisam conhecer e criar caminhos para realizar da melhor forma o seu trabalho (FRADE, 2005, p. 8).

Sabe-se que a intervenção do professor deve ser positiva, pois através da intervenção do mesmo a reação do sujeito diante o processo de aprendizagem será também positiva. Sobre as teorias da aprendizagem, Carvalho assim se manifesta:

Diferentes teorias de aprendizagem se propõem a explicar como a criança aprende - por associação (estímulo-resposta), pela ação do sujeito sobre o objeto do conhecimento (construtivismo), pela interação do aprendiz com o objeto do conhecimento intermediado por outros sujeitos (sociointeracionismo). Essas teorias, que assumiram a dianteira na formação de professores em diferentes momentos históricos, embasam, (ou condenam) certos métodos e técnicas de alfabetização. Mas nem sempre explicam por que alguns alunos aprendem rapidamente e outros não (2010, p. 15).

Nesta perspectiva, constatam-se diversos métodos e técnicas de alfabetização, no entanto ainda existem alunos numa mesma sala que aprendem com facilidade e outros não.

Diante o exposto, o objetivo deste trabalho é analisar os métodos de alfabetização utilizados em escolas municipais, estaduais e particular de Ensino Fundamental I, e especificamente, verificar quais os métodos adotados para alfabetizar, analisar se o método

adotado é aplicado corretamente e analisar o resultado dos alunos no processo de alfabetização.

É preciso considerar como a criança aprende, avaliar suas dificuldades, facilidades e necessidades em relação à sua aprendizagem, caso contrário, de nada adiantaria um método se não avaliasse tais aspectos. Assim, não basta à criança decifrar letras, mas é fundamental que ela saiba escrever e estabelecer a relação semântica, é o que afirma Frade

vivemos um processo de grandes alterações nos conceitos relacionados ao ensino inicial da leitura e da escrita: não basta apenas ensinar a decifrar o sistema de escrita estabelecendo relações entre sons e letras, o que caracteriza especificamente a alfabetização. É preciso também que os alunos façam uso da escrita em situações sociais e que se beneficiem da cultura escrita como um todo, apropriando-se de novos usos que surgirem, modificando seus níveis de letramento (2005, p. 9-10).

É importante colocar a criança em contato com esta estrutura de leitura e escrita, uma vez que a criança vai encontrar situações sociais e que se beneficiem da cultura escrita como um todo, apropriando-se de novos usos que surgirem, modificando seus níveis de letramento. Diante do exposto, é possível observar que além de métodos eficazes as crianças necessitam também de um ambiente que lhes proporcionem uma alfabetização de sucesso.

2. Referencial Teórico

Segundo Marconi; Lakatos (2010, p. 208) a revisão bibliográfica é “a citação das principais conclusões a que outros autores chegaram e permitem salientar a contribuição da pesquisa realizada, demonstrar contradições ou reafirmar comportamentos e atitudes.”

Lacerda (2015) afirma que, no interior da regulação dos métodos, já foi criticada a inexistência de “sentido” de suas proposições – o que provocou a necessidade de “sentido” na prática alfabetizadora, intensificando o interesse sobre as lógicas de quem aprende e, sobretudo, sobre o próprio aprendiz, filho das classes populares. Ainda segundo o mesmo autor, (2015, p. 191) "Lamentavelmente, ainda persiste nas escolas, a contínua inserção de direcionamentos à prática alfabetizadora”.

Estes direcionamentos, de origem predominantemente institucional, têm assegurado que o foco se mantenha na racionalidade técnica e no apagamento dos saberes da prática. Procedimentos desgastados têm sido novamente introduzidos na escola e em cursos de formação; a avaliação tem sido utilizada como mecanismo produtor de

rankings e até mesmo a própria noção de alfabetização foi dicotomizada (LACERDA, 2015, p. 191).

Segundo Soares deve-se ao mesmo tempo letrar e alfabetizar as crianças, ensiná-las a ler e escrever simultaneamente sem separações é o que relata a seguir:

alfabetizar e letrar são duas ações distintas, mas não inseparáveis, ao contrário: o ideal seria alfabetizar letrando, ou seja: ensinar a ler e escrever no contexto das práticas sociais da leitura e da escrita, de modo que o indivíduo se tornasse, ao mesmo tempo, alfabetizado e letrado (SOARES, 1998, p. 47).

É preciso que a escola desenvolva um trabalho que possibilite a seus alunos um melhor desenvolvimento, vislumbrando, conseqüentemente, melhor rendimento, conforme se verifica em Carvalho, (2015, p.50) “Não se ensina a gostar de ler por decreto ou por imposição, nem se formam letrados por meio de exercícios de leitura e gramática rigidamente controlados. Para formar indivíduos letrados, a escola tem que desenvolver um trabalho grupal e contínuo”.

Ainda o mesmo autor afirma “preparar a ler é principalmente despertar o desejo, a vontade de ler. Melhor do que oferecer à criança desenhos prontos para colorir e ou pontinhos para unir é criar um clima de interesse e receptividade em relação à leitura e à escrita” (CARVALHO, 2015, p. 50).

O caminho a ser percorrido quando se há interesse e vontade da parte da criança fica muito mais fácil, tanto para professor quanto para o aluno.

As histórias lidas ou narradas pela professora e pelos alunos também têm um papel importantíssimo na educação da criança, uma vez que elas permitem alimentar a imaginação e o sonho, melhorar a expressão verbal,

Observando livros infantis, as crianças inventam histórias inspiradas nas ilustrações. Criam narrativas para si mesmas e para os colegas. As histórias lidas ou narradas pela professora e pelos alunos também têm um papel importantíssimo na educação da criança, elas alimentam a imaginação e o sonho, melhora a expressão verbal, aguçam a curiosidade, criam amor pelos personagens, pelas palavras, pelos livros (CARVALHO, 2015, p. 50).

Como atesta Soares (2000), a partir da divulgação da teoria da psicogênese da escrita as pesquisas na área se diversificaram: a um progressivo desinvestimento no estudo de métodos de ensino, correspondendo a um crescente interesse por investigar processos de aprendizagem, interações na sala de aula de alfabetização e outros temas correlatos.

Segundo Morais (2006), “não há e pensa-se que nunca deverá haver consenso sobre qual a forma única, miraculosa ou melhor de alfabetizar entre os que adotam os pressupostos da psicogênese da escrita.”

Discutir metodologias, então, significa discutir a própria escolarização e a história deste campo de saber. No entanto, não só de metodologias da alfabetização vive a escola e várias metodologias cruzam seu interior: tanto aquelas referidas à organização escolar como aquelas de base conceitual, seja esta filosófica, psicológica, sociológica ou antropológica ou todas elas juntas (FRADE, 2007, p. 22).

Segundo Ferreira e Teberosky (1985, p. 15) “a lecto-escrita tem ocupado lugar de destaque na preocupação dos educadores. Porém, apesar da variedade de métodos ensaiados para se ensinar a ler, existe um grande número de crianças que não aprende.”

De acordo com Carvalho (2010), são várias as teorias de aprendizagem que tentam explicar como a criança aprende a ler e a escrever quando diz que

Diferentes teorias de aprendizagem se propõem a explicar como a criança aprende por associação (estímulo resposta), pela ação do sujeito sobre o objeto do conhecimento (construtivismo), pela interação do aprendiz com o objeto do conhecimento intermediado por outros sujeitos (sociointeracionismo). Essas teorias, que assumiram a dianteira na formação de professores em diferentes momentos históricos, embasam (ou condenam) certos métodos e técnicas de alfabetização. Mas nem sempre explicam por que alguns alunos aprendem outros não (CARVALHO, 2010, p. 15).

Segundo Carvalho, no presente século XXI são milhões de pessoas analfabetas sendo responsabilidade da escola proporcionar a esses indivíduos mínimas condições para entenderem aspectos básicos do seu dia a dia, pode-se perceber isto quando a mesmo relata que

Assim chegamos ao século XXI com cerca de vinte milhões de analfabetos, aos quais se somam outros tantos cidadãos que possuem apenas rudimentos de leitura e

escrita. No entanto, espera-se que os trabalhadores urbanos das funções mais modestas tenham no mínimo condições de ler e entender avisos, ordens, instruções. Para as funções qualificadas, exigem-se pessoas capazes de usar a leitura e a escrita para obter e transmitir informações, para comunicar-se, para registrar fatos. Daí a responsabilidade da escola, especialmente da escola pública, de oferecer oportunidades de alfabetização e letramento a todos (CARVALHO, 2010, p. 16).

Diante do exposto, cabe á escola proporcionar aos alunos oportunidade de ter uma alfabetização significativa, para que possam fazer uso no seu dia a dia.

Morais (2014, p. 12) afirma que o indivíduo para ser alfabetizado não precisa necessariamente dominar a leitura, pois “ser alfabetizado é ter um nível mínimo de habilidade que permita ler palavras e textos independentemente da sua familiaridade, mesmo sem compreender o que se lê e por outro lado, escrever qualquer enunciado mesmo sem conhecer o conteúdo do que se escreve”

É necessário fazer com que os alunos compreendam o princípio alfabético, segundo dados científicos o construtivismo é um caminho errado para a alfabetização conforme relata Moraes (2014, p. 65)

O caminho certo para a alfabetização é, em primeiro lugar, fazer os alunos compreenderem que o princípio alfabético é a representação dos fonemas por grafemas (letras, uma ou mais) e promover, através de atividades apropriadas, representações fonêmicas suficientemente precisas e robustas que sustentem eficazmente as operações mentais de decodificação (na leitura) e de decodificação (na escrita).

Ainda de acordo com o mesmo autor, (MORAIS, 2015, p. 19) “alfabetizar é tornar alguém capaz de utilizar o alfabeto” sendo que “não se pode compreender o que faz uma pessoa alfabetizada quando lê e escreve, nem a dificuldade que pode ter tido em se alfabetizar, sem saber o que é alfabeto. Não basta saber que este é um conjunto ordenado de letras, e é errado pensar que as letras representam sons

O indivíduo para ser considerado letrado não pode somente ler textos e palavras sem compreender, é o que afirma Moraes, (2014, p. 13) “quem aprendeu a ler e a escrever, mas faz mal e pouco, não é letrado.

Muitos educadores se preocupam em buscar o melhor método para se trabalhar em sala de aula, conforme relata Ferreiro; Teberosky (1985, p. 18).

Tradicionalmente, conforme uma perspectiva pedagógica, o problema da aprendizagem da leitura e da escrita tem sido exposto como uma questão de métodos. A preocupação dos educadores tem-se voltado para a busca do “melhor” ou “mais eficaz” deles, levantando-se, assim, uma polêmica em torno dos dois tipos fundamentais: métodos *sintéticos*, que partem de elementos menores que as palavras, e os métodos *analíticos*, que partem da palavra ou de unidades maiores.

Em relação ao processo educativo, apesar de variados métodos para ensinar a ler e escrever, existe um grande número de crianças que não aprende. O que o aluno pode aprender durante sua escolaridade vai depender da fase de seu desenvolvimento, dos conhecimentos que ele já construiu e do ensino que recebe. As aprendizagens dos alunos serão significativas quando forem estabelecidas relações aos conteúdos escolares e aos conhecimentos previamente construídos por eles (BRASIL, 1997, p. 52).

Para o aluno ter uma aprendizagem significativa é de responsabilidade do educador incrementar a realização de aprendizagens com grande intensidade de significado possível por meio da intervenção pedagógica (BRASIL, 1997, p. 53).

De acordo com Carvalho (2010, p. 32) é fundamental conhecer e respeitar a realidade do aluno no processo de alfabetização, pode-se perceber isto quando o autor relata

Conhecer e respeitar as necessidades e interesses da criança; partir da realidade do aluno e estabelecer relações entre a escola e a vida social são diretrizes do pensamento escolanovista. Métodos ativos - aprender fazendo -, liberdade para criar e participação da criança no planejamento do ensino são algumas das estratégias recomendadas.

A escola deve garantir que os conteúdos ensinados tenham relação com questões sociais de forma que favoreça a compreensão e a intervenção nos fenômenos sociais e culturais. A linguagem oral e escrita é primordial para a criança ampliar seus conhecimentos e ter possibilidade de inserção e de participação em várias práticas sociais coletivas. Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa.

O domínio da língua tem estreita relação com a possibilidade de plena participação social, pois é por meio dela que o homem se comunica, tem acesso à informação, expressa e defende pontos de vista, partilha ou constrói visões de mundo, produz conhecimento (BRASIL, 1997, p. 21).

Partindo dessa concepção, o trabalho em sala de aula deve se organizar em torno dos diferentes usos da língua nas práticas sociais. Daí a importância de o professor, no processo de ensino-aprendizagem, adequar à ação pedagógica a alfabetização e o letramento. De acordo com o Ciclo Inicial de alfabetização, nesta proposta, entende-se a alfabetização

como o processo específico e indispensável de apropriação do sistema de escrita, a conquista dos princípios alfabético e ortográfico que possibilita ao aluno ler e escrever com autonomia. Entende-se letramento como o processo de inserção e participação na cultura escrita (MINAS GERAIS, 2003, p. 13).

Nesse contexto, é importante uma reflexão sobre a prática educativa-crítica, segundo Freire (1996, p. 12): “ensinar não é transmitir conhecimento, mas criar possibilidades para sua produção ou a sua construção”. Essa mesma defesa também é apresentada pelos Parâmetros Curriculares Nacionais, pois esses adotam como eixo

o desenvolvimento de capacidades do aluno, processo em que os conteúdos curriculares atuam não como fins em si mesmo, mas como meios para a aquisição e desenvolvimento dessas capacidades. Nesse sentido, o que se tem em vista é que o aluno possa ser sujeito de sua própria formação, em um complexo processo interativo em que também o professor se veja como sujeito de conhecimento (BRASIL, 2000, p. 44).

É preciso que o professor ensine a seus alunos de forma sistemática, “evitando que o ensino fique excessivamente centrado na decodificação”, é o que afirma Carvalho (2010, p. 45):

embora a professora tenha em mente ensinar as letras ou as palavras-chave numa determinada ordem. Se estiver atenta à realidade à sua volta, descobrirá assuntos ou acontecimentos importantes que despertam a curiosidade infantil e podem ser traduzidos em palavras e frases.

Segundo Ferreiro; Teberosky (1985, p. 39) “que uma criança não saiba ler, não é obstáculo para que tenha ideias bem precisas sobre as características que deve possuir um texto escrito para que permita um ato de leitura.”

3. Metodologia

A presente pesquisa é classificada como qualitativa, pois Marconi; Lakatos (2010) explicam que a abordagem qualitativa trata-se de uma pesquisa que tem como propósito, analisar e interpretar aspectos mais profundos, descrevendo a complexidade do comportamento humano e ainda fornecendo análises mais detalhadas sobre as investigações, atitudes e tendências de comportamento.

Quanto à finalidade, a mesma é aplicada, pois interessa pela aplicação, utilização e consequência. Segundo Marconi; Lakatos (2002, p. 20) “a pesquisa aplicada caracteriza-se por seu interesse prático, isto é, que os resultados sejam aplicados ou utilizados, imediatamente, na solução de problemas que ocorrem na realidade.”

A pesquisa é de nível descritiva, pois a mesma visa observar, registrar, classificar e interpretar os dados sem interferência, sem manipulação do pesquisador. Segundo Dau e Dau (2001, p. 17) “a parte da pesquisa descritiva tem por meta coligir as informações e conhecimentos prévios sobre um determinado problema que se deseja estudar.”

Sendo sua tipologia empírica, em que se ocupa com a face mensurável da realidade social, preocupando-se com a experiência e com a observação dos fatos,

Trabalha com dados e fatos concretos. Todos os seus resultados são retratados quantitativamente, sempre que possível. Associa a teoria à prática, e nisso consiste o seu maior valor. A pesquisa empírica alavancou, de fato, todo o processo relativo à produção de técnicas de coleta e medidas dos dados (DAU, DAU, 2001, p. 18).

Quanto à natureza da pesquisa a mesma é classificada de campo, que segundo Marconi; Lakatos (2010, p. 169) “a pesquisa de campo é aquela utilizada com o objetivo de conseguir informações e/ou conhecimentos acerca de um problema, para o qual se procura uma resposta, ou de uma hipótese, que se queira comprovar, ou, ainda, de descobrir novos fenômenos ou as relações entre eles.”

Ainda segundo Marconi; Lakatos (2010, p. 206) “universo ou população é o conjunto de seres animados ou inanimados que apresentam pelo menos uma característica em comum. O universo da pesquisa foi a cidade de Visconde do Rio Branco, para um melhor desenvolvimento da mesma. A população envolvida e participante, refere-se a 15 escolas regulares das redes estadual, municipal e privada de ensino do município de Visconde do Rio Branco. Com uma amostra de 3 escolas regulares, sendo uma da rede estadual, uma de rede

municipal e uma da rede privada de ensino do município de Visconde do Rio Branco, Minas Gerais, segundo Marconi; Lakatos, (2010, p. 206) “ a amostra só ocorre quando a pesquisa não é censitária, isto é, não abrange a totalidade dos componentes do universo, surgindo a necessidade de investigar apenas uma parte desta população.”

O fator de inclusão na presente pesquisa são três escolas centrais do 3º ano do Ensino Fundamental I, e como fator de exclusão as 12 escolas não centrais de turmas do 3º ano de Ensino Fundamental I

O instrumento de coleta de dados será o questionário, que segundo Marconi; Lakatos (2010, p. 185) “a elaboração de um questionário requer a observância de normas precisas, a fim de aumentar sua eficácia e validade.”

Questionário é um instrumento de coleta de dados, constituído por uma série de perguntas, que dever ser respondidas por escrito e sem a presença do entrevistador. Em geral, o pesquisador envia o questionário ao informante, pelo correio ou por um portador; depois de preenchido, o pesquisador devolve-o do mesmo modo (MARCONI; LAKATOS, 2010, p. 184).

Para que a presente pesquisa fosse realizada, em primeiro momento entrei em contato com a direção da escola para pedir autorização à mesma. Após a autorização ser concedida, fiz contato com as professoras e distribuí o TCLE, Termo de Consentimento Livre e Esclarecido juntamente com o questionário, o mesmo contendo 19 perguntas sobre o tema, estipulando um prazo de dois dias para a devolutiva, de acordo como consta no TCLE.

A coleta de dados foi feita de acordo com os questionários distribuídos aos professores do 3º ano do Ensino Fundamental I. As perguntas foram elaboradas de acordo com os objetivos a serem alcançados pela presente pesquisa. Através dos dados coletados será possível analisar, compilar e divulgar os resultados alcançados. Esses resultados serão comparados com base no pensamento de diversos autores que tratam do assunto.

Este artigo será submetido ao comitê de Ética em Pesquisa da Fundação Presidente Carlos, através da Plataforma Brasil, sendo respeitados os procedimentos bioéticos, propostos pela Comissão Nacional de saúde (Resolução CNS nº 466/12)

Universo da Pesquisa

A pesquisa foi realizada em 3 escolas, sendo 1 da rede municipal, 1 da rede estadual e 1 da rede particular da cidade de Visconde do Rio Branco, MG, tendo como sujeito

um total de 7 professoras. Como instrumento de coletas de dados utilizou-se o questionário, contendo 19 perguntas, dentre elas fechadas e discursivas. Sendo o questionário direcionado aos professores do 3º ano do Ensino Fundamental I

4. Resultados e Discussão

Universo da Pesquisa

A pesquisa foi realizada em 3 escolas, sendo 1 da rede municipal, 1 da rede estadual e 1 da rede particular da cidade de Visconde do Rio Branco, Minas Gerais, tendo como sujeito um total de 7 professores. Como instrumento de coleta de dados utilizou-se o questionário, contendo 19 perguntas fechadas e discursivas direcionadas aos professores do 3º ano do Ensino Fundamental I.

Para a realização da pesquisa pude contar com a participação de 7 profissionais da área da educação, sendo 3 da rede municipal, 3 da rede estadual e 1 da rede particular, ambas do sexo feminino e com idade variando entre 25 e 30 anos e algumas com idade superior a 30 anos. Na rede estadual (33%) apresentam idade entre 25 e 30 anos e (67%) apresentam idade superior a 30 anos. Na rede municipal tem-se a mesma porcentagem, (33%) com idade entre 25 e 30 e (67%) com idade superior a 30 anos. Já na rede particular (100%) com a idade de 25 a 30 anos.

No que se refere à formação profissional das professoras, constatou-se que na rede estadual (100%) das professoras atuam com licenciatura em Pedagogia e não têm especialização em nenhuma outra área da educação, na rede municipal têm-se (67%) com especialização em outras áreas da educação além da licenciatura em pedagogia e (100%) atuam com licenciatura em Pedagogia, na rede particular (100%) possui apenas licenciatura em pedagogia, podendo conferir na imagem abaixo.

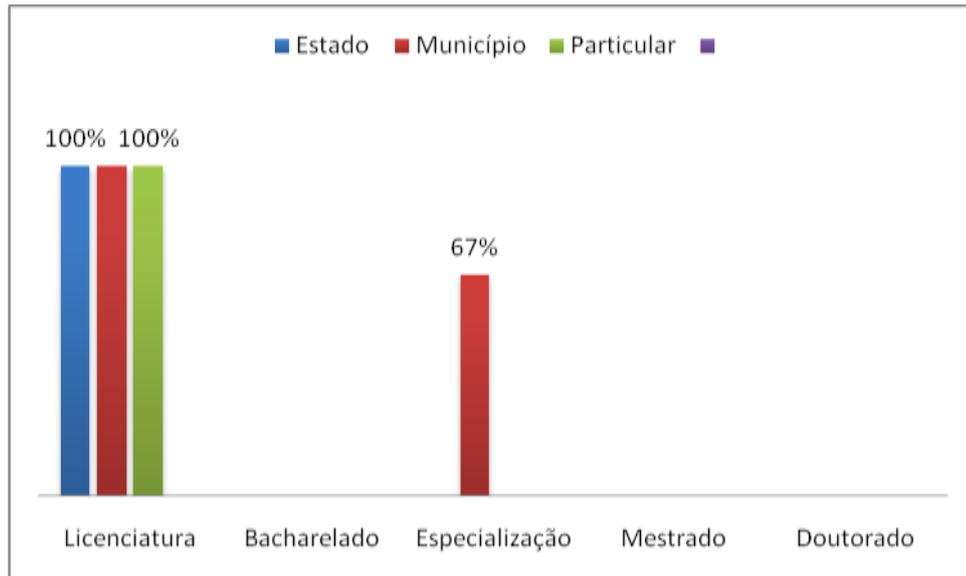


Figura 1: Formação docente

Fonte: A autora, (2016)

Em relação ao tempo de atuação das professoras na área da educação, pode-se constatar que na rede estadual (33%) exercem a profissão há um período de 5 a 10 anos e (67%) exercem há mais de 10 anos.

Na rede municipal (33%) atuam entre 3 a 5 anos e (67%) há mais de 10 anos, na rede particular (100%) atuam num período de 3 a 5 anos, pode-se observar de acordo com os dados abaixo.

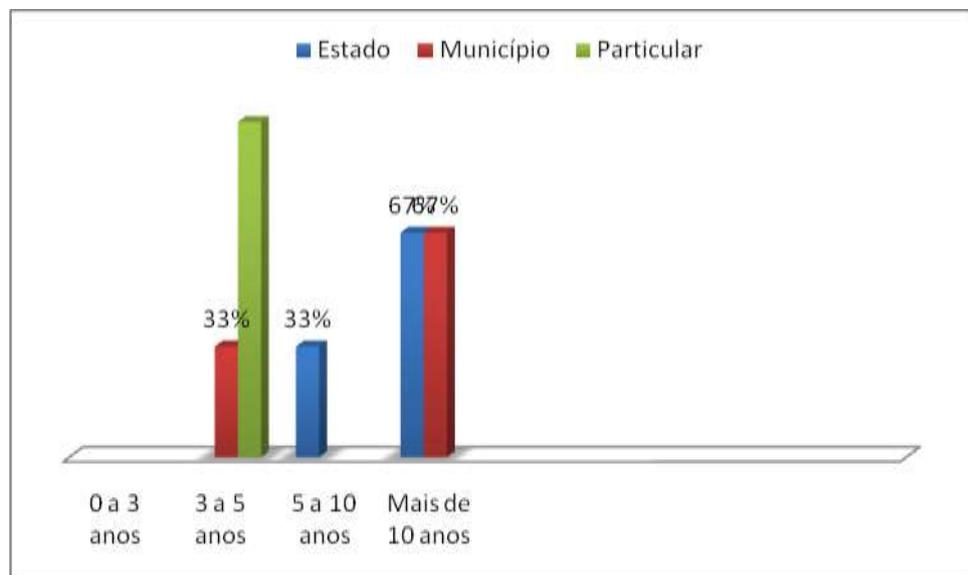


Figura 2: Tempo de atuação

Fonte : A autora, (2016)

No que se refere ao tipo de escola em que as professoras atuam, na rede estadual (100%) das docentes atuam apenas nesta rede, no município (100%) que atuam nesta rede também atuam na rede estadual, na rede particular (100%) atuam somente nesta rede.

Para auxiliar no desenvolvimento da leitura e escrita dos alunos os professores de alfabetização relacionados na presente pesquisa utilizam diferentes tipos de métodos .De acordo com Bacha,

Os métodos que apresentam inicialmente partes ou elementos da palavra como, por exemplo, as letras (método alfabético), os sons (método fônico) ou sílabas (método silábico) são chamados sintéticos porque as letras, os sons e as letras ,os sons e as sílabas devem ser combinados-sintetizados-para formar palavras (1969, p. 19).

Quando perguntado às professoras em relação aos métodos de alfabetização utilizados em sala de aula, obteve-se uma diversidade de respostas. Dentre as professoras da rede estadual (100%) disseram trabalhar com o método silábico, porém, relataram que além deste método trabalham também com outros , pois justificaram que adaptam suas aulas de acordo com as necessidades de seus alunos. Dentre essa diversidade (33%) disseram trabalhar com o método analítico, (33%) alfabético e (33%) com o global. No município também obteve-se uma diversidade em relação aos métodos, pois, (67%) afirmaram trabalhar com o método global, porém dessas (67%), (33%) afirmaram que também trabalham com o método alfabético, (33%) relataram que também fazem uso do método fônico. Segundo relato, elas trabalham de acordo com a necessidade de seus alunos. Na rede particular (100%) trabalham apenas com o método silábico. Podendo observar nos dados a baixo.

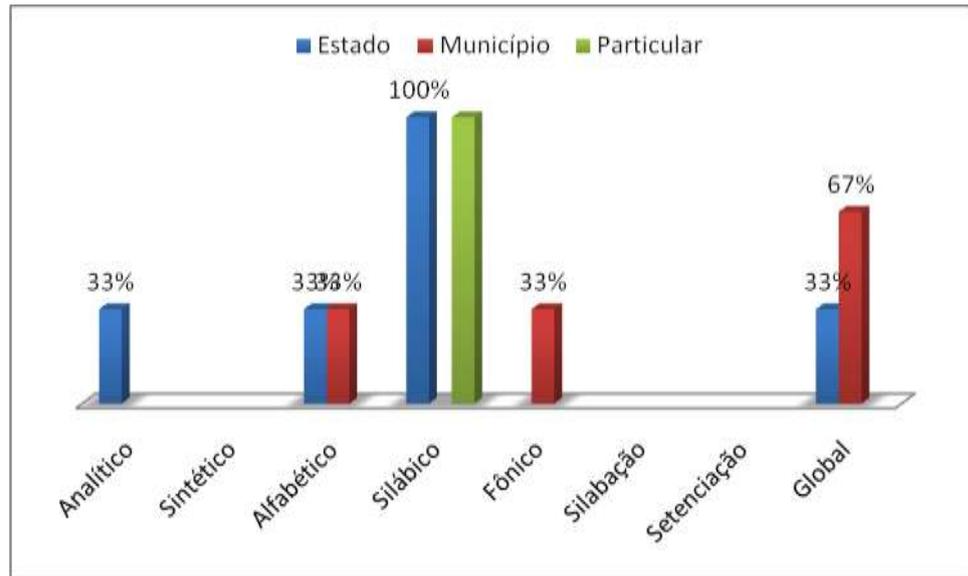


Figura 3: Métodos de alfabetização utilizados
Fonte : A autora, (2016)

Ao perguntar às professoras se tinham interesse em usar outros métodos de alfabetização, na rede estadual (67%) disseram sim, gostariam de utilizar outros métodos, (33%) disseram que não têm interesse em utilizar outros métodos. No município o resultado obtido foi o contrário, pois, (33%) responderam que sim, e (67%), não. Na rede particular foram obtidos (100%) da resposta não, pois foi relatado que o método utilizado por ela tem dado bom retorno.

Quando perguntado às professoras em relação aos materiais utilizados por elas no processo de alfabetização, foi obtido o seguinte resultado. Na rede estadual (100%) disseram trabalhar apenas com folhetos. No município (33%) disseram trabalhar com cartilhas, e (67%) responderam trabalhar com cartazes com sílabas. Na rede particular (100%) responderam trabalhar com folheto .

Segundo o Referencial Curricular Nacional da Educação Infantil, v 3, desde cedo é importante que a criança tenha contato com diversos tipos de materiais que desenvolvam suas habilidades e competências, assim desenvolvendo também sua leitura e escrita.

A grande parte das crianças, desde pequenas, estão em contato com a linguagem escrita por meio de seus diferentes portadores de texto, como livros, jornais, embalagens, cartazes, placas de ônibus, iniciando-se no conhecimento desses materiais gráficos antes mesmo de ingressarem na instituição educativa, não esperando a permissão dos adultos para começarem a pensar sobre a escrita e seus usos (1998, p. 121).

Diante do exposto, para que o aluno consiga compreender textos e as informações nele contidas é importante trabalhar diferentes gêneros textuais para que esse entendimento aconteça.

Sabe-se da diversidade que se encontra dentro de uma sala de aula, pois, nem todas as crianças conseguem aprender da mesma forma. Ao se perguntar se as crianças mostram alguma dificuldade de aprendizagem no processo de alfabetização as respostas foram transcritas, abaixo as respostas das docentes da rede estadual

P1 Estado: *“Sim, quando apresentam dificuldades nos sentidos responsáveis pela percepção com o mundo exterior e causas emocionais, dificuldade de se manifestar e comunicar.”*

P2 Estado: *“São muito poucos.”*

P3 Estado: *“São poucos que apresentam dificuldade e os que apresentam são na escrita correta de algumas palavras.”*

P1 Município: *“Sim. Troca de letras e /ou sílabas; dificuldade de assimilação.”*

P2 Município: *“Há sempre crianças que demonstram maiores dificuldades, mas estas também podem ser alfabetizadas.”*

P3 Município: *“Sim, interpretar e escrever corretamente.”*

P1 Particular: *“Poucas são as crianças que apresentam, dificuldade.”*

Sabe-se da importância que a família tem na participação escolar das crianças, de acordo com Souza (2009, p. 8) “é importante que a família esteja engajada no processo ensino-aprendizagem. Isso tende a favorecer o desempenho escolar, visto que o convívio da criança com a família é muito maior que o convívio com a escola.”

As professoras questionadas acreditam que quando a família participa mais da vida escolar de seu filho, dando atenção e ajudando nas tarefas diárias seu desenvolvimento escolar é maior. Segundo Souza (2009, p. 15)

É indispensável a participação da família na vida escolar dos filhos, pois crianças que percebem que seus pais e ou responsáveis estão acompanhando de perto tudo o que está acontecendo, que estão verificando o rendimento escolar - perguntando como foram as aulas, questionando as tarefas - tendem a se sentir mais seguras e, em

consequência dessas atitudes por parte da família, apresentam melhor desempenho nas atividades escolares.

Diante do exposto percebe-se como é significativa a diferença quando se tem a participação e apoio da família na vida escolar da criança.

Perguntou-se às docentes de que forma a família ajuda no processo de alfabetização da criança, e as respostas foram transcritas. Abaixo as respostas das docentes das três redes de ensino.

P1 Estado: *“Auxiliando nas tarefas e nos trabalhos de casa, e acompanhando sempre o aluno.”*

P2 Estado: *“Acompanhando, valorizando e incentivando a leitura.”*

P3 Estado: *“Através do auxílio na tarefa ou trabalhos para casa, além da atenção dada à criança, o que faz muita diferença.”*

P1 Município: *“Investindo em livros de histórias, tomando leitura, elogiando o filho.”*

P2 Município: *“A família pouco tem colaborado, mas ajuda colocando os filhos em acompanhamento particular.”*

P3 Município: *A ajuda da família é de extrema importância no desenvolvimento das crianças.”*

P1 Particular: *“Através da ajuda nas tarefas e acompanhamento.”*

É muito importante que o professor esteja em constante atualização e inovando suas práticas educacionais através de capacitações ou de qualquer outros meios que os façam cada vez mais ficar atualizados. Quando questionadas se se atualizam e de que forma, (100%) das professoras da rede estadual responderam se atualizam através de palestras, porém também participam do PACTO Nacional pela Educação na Idade Certa. Na rede municipal (100%) disseram se atualizam constantemente por capacitação continuada. Na rede particular (100%) disseram se atualizam através de palestras, seminários e fóruns, o que se verifica nos dados abaixo.

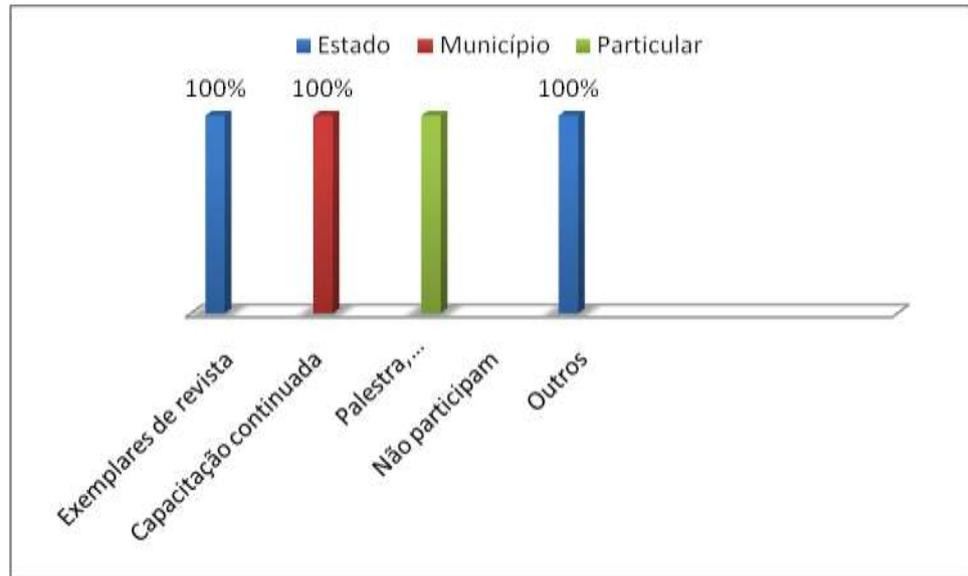


Figura 4: Atualização profissional

Fonte : A autora, (2016)

Com o ensino dividido por ciclos, a criança passa a ter três anos para um melhor desenvolvimento de suas habilidades, segundo o artigo 23 da LDB 9394 (1996),

A educação básica poderá organizar-se em séries anuais, períodos semestrais, ciclos, alternância regular de períodos de estudos, grupos não seriados, com base na idade, na competência e em outros critérios, ou por forma diversa de organização, sempre que o interesse do processo de aprendizagem assim o recomendar.

Perguntadas se as crianças saem alfabetizadas ao final do primeiro ciclo, (100%) das docentes da rede estadual disseram que sim, (100%) da rede municipal também disseram que sim, a docente da rede privada não respondeu à pergunta.

Perguntou-se às docentes como é a alfabetização por ciclos, todas responderam que no 3º ano as crianças já leem pequenos textos.

Questionadas em relação aos desafios encontrados para se alfabetizar atualmente, (67%) das professoras da rede estadual disseram que o problema maior seria a falta de interesse dos alunos, já (33%) disseram ser a falta de interesse dos pais. No município (33%) alegaram ser a falta de interesse da parte dos alunos e (67%) falta de interesse dos pais. Já na rede particular (100%) alegaram ser falta de interesse dos alunos, podendo observar nos dados abaixo

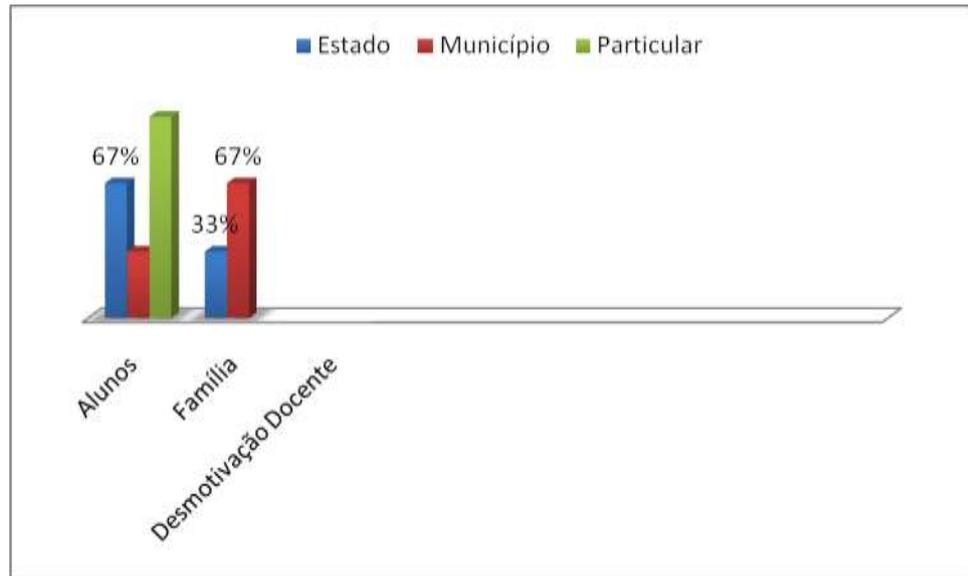


Figura 5: Desafios encontrados para alfabetiza

Fonte : Aautota, (2016)

Sabe-se da importância e necessidade de se ter uma variada opção de metodologia para se trabalhar com alfabetização. Questionadas sobre quais atividades realizadas na prática cotidiana que possibilitam uma melhor compreensão no processo de alfabetização, foram obtidas as respostas descritivas:

P1 Estado: *“Atividades lúdicas, brincadeiras e jogos.”*

P2 Estado: *“Atividades relacionadas ao lúdico, à brincadeiras, jogos. Algo que chame mais a atenção do aluno.”*

P3 Estado: *“Projetos de literatura, rodas de conversas, pesquisas, banco de textos.”*

P1 Município: *“Bingo de sílabas/letras, dominó silábicos, jogos de palavras, recortes e colagens.”*

P2 Município: *“Costumo introduzir um conteúdo com um livro de história ou material concreto para que a criança se interesse pelo que vai ser ensinado.”*

P3 Município: *“Proporcionando momentos de oralidade, motivação e atividades dinâmicas que proporcionam o interesse e o raciocínio dos alunos.”*

P1 Particular: *“Através de atividades lúdicas, para que desperte a atenção e curiosidades dos alunos.”*

Sabe-se que o ato de alfabetizar é amplo, segundo Soares (1998, p. 31) a alfabetização “é a ação de alfabetizar, de tornar “alfabeto”, diferente do ato de letramento, que segundo a autora uma pessoa letrada é aquela que é “versado em letras, erudito”. De acordo com as professoras a alfabetização é definida por elas como

P1 Estado: <i>“Alfabetização é o aprendizado do código da escrita para a comunicação com o mundo.”</i>

P2 Estado: <i>“Ensinar a ler, escrever e interpretar.”</i>

P3 Estado: <i>“Ensinar a ler, escrever e interpretar.”</i>

P1 Município: <i>“Saber ler e escrever de forma espontânea e significativa.”</i>

P2 Município: <i>“Alfabetização é o processo de ensinar a ler e escrever.”</i>

P3 Município: <i>“Alfabetização vai além do simples ato de ler e escrever, é tornar-se capaz de ler o mundo a sua volta e atuar sobre ele.”</i>
--

P1 Particular: <i>“É a ação de alfabetizar.”</i>

Falar sobre alfabetização é citar Emília Ferreiro (1985) e sua contribuição para os profissionais se atualizarem através de seu livros. Em relação ao livro Psicogênese da língua escrita, uma referência na área da alfabetização, perguntou-se às docentes se já o leram., foram obtidas as seguintes respostas, (33%) das docentes da rede estadual disseram conhecer a autora e (67%) disseram já ter lido o livro. Tendo os mesmos dados na rede municipal (33%) conhecem a autora e (67%) já leram o livro, enquanto na rede particular (100%) conhece a autora, porém não leram o livro.

Perguntadas se achavam importante mencionar outros autores e livros que abordam o tema, não foram obtidas respostas de nenhuma das professoras.

5. Considerações Finais

Ao analisar os dados obtidos pela referida pesquisa, constatou-se que não existe um único método de alfabetização que atenda ou que seja eficaz ao mesmo tempo para os mesmos alunos.

Na rede estadual e municipal os métodos mais utilizados pelas docentes são os Analíticos, Alfabéticos, Global, Silábicos e Fônicos, já na rede particular o mais utilizado pela

professora é o silábico, que segundo relato docente são os que melhor atendem às necessidades, por isto, os métodos variam de acordo com a necessidade de seus alunos. Cabe às docentes adaptar sua metodologia de maneira que atenda às necessidades de seus alunos, e que a aprendizagem seja verdadeiramente significativa para eles.

É importante que o professor saiba fazer uso de diversos materiais para que ajudem aos alunos em seu processo de alfabetização, que tenham recursos para que isso aconteça. As docentes fazem uso de diversos recursos, entres eles encontram-se as cartilhas, folhetos e cartazes com sílabas para que ajudem às crianças em seu processo de assimilação, buscando assim a aplicação correta dos métodos por elas escolhidos. Para que isso aconteça de forma positiva as docentes estão sempre em busca de atualização profissional.

Muitos são os desafios encontrados pelas professoras em relação à alfabetização das crianças, dentre eles está a falta de atenção da família em assuntos relacionados à vida escolar das crianças. Os responsáveis têm grande culpa no desenvolvimento escolar insuficiente das crianças, pois, muitas vezes não participam das reuniões de pais e mestres, não ajudam as crianças em casa com tarefas e atividades. É preciso que os pais e responsáveis, fiquem mais atentos às questões escolares de seus filhos, que os elogiem e participem mais. É preciso também que haja motivação tanto da parte do professor quanto da família para que as crianças tenham mais prazer em ir para a escola.

Conclui-se que ao final do 1º ciclo a maioria das crianças saem alfabetizadas, pois, já conseguem ler, escrever e interpretar pequenos textos, porém existem algumas que não conseguem ser alfabetizadas por completo necessitando de reforço escolar.

Referências

BACHA, Magdala Lisboa. **Leitura:** na primeira série. Rio de Janeiro: Ao livro técnico, 1969.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. **Referencial curricular nacional para a educação infantil:** conhecimento de mundo. Brasília: MEC/SEF, 1998. v.3

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais:** Apresentação dos temas transversais, ética. Brasília: MEC/SEEF, 2000.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais:** Introdução aos parâmetros curriculares nacionais. 2.ed. Brasília: Secretaria de Educação Fundamental/MEC. 1997.

CARVALHO, Marlene. **Alfabetizar e letrar:** um diálogo entre a teoria e a prática. 7 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

DAU, Sandro/ DAU, Shirley. **Metodologia científica de pesquisa:** normas técnicas para a elaboração de monografias BA.Graduação e Pós- graduação. Juiz de Fora, Associada, 2001.

FERREIRO, Emilia/TEBEROSKY, Ana. **Psicogênese da língua escrita.** 4 ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1985.

FRADE, Isabel Cristina Alves da Silva. **Métodos de alfabetização, métodos de ensino e conteúdos da alfabetização:** perspectivas históricas e desafios atuais. Disponível em <<http://periodicos.ufsm.br/reeducacao/article/view/658/469>>. Acesso em 29 maio 2016.

FRADE, Isabel Cristina Alves da Silva. **Métodos e didáticas de alfabetização:** história, características e modos de fazer de professores: Caderno do professor. Belo horizonte: Ceale/FaE/UFMG, 2005.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia.** 26. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

LACERDA, Mitsi Pinheiro de. **A alfabetização e o inventário de uma herança.** Disponível em<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010440602015000100189&lang=pt>. Acesso em 15 abr. 2016.

MARCONI, Marina de Andrade/LAKTOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica.** 7. Ed. São Paulo: Atlas, 2010.

MINAS GERAIS. **Alfabetizando -** Centro de Alfabetização, Leitura e Escrita. Belo Horizonte: Secretaria de Estado da Educação de Minas Gerais, 2003.

MORAIS, Arthur Gomes de. **Concepções e metodologias de alfabetização:** por que é preciso ir além da discussão sobre velhos “Métodos”? http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010440602015000100189&lang=pt >. Acesso em 20 abr. 2016.

SEBRA, Alessandra Gotuzo\ DIAS, Natália Martins. **Métodos de alfabetização:** demilitação de procedimento e considerações para uma prática eficaz. Disponível em <http://search.scielo.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-84862011000300011&lang=pt>. Acesso em 20 abr. 2016.

SOARES, Magda. **Letramento:** um tema em três gêneros. 2 .ed. 2 reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. 128 p .

SOUZA, Maria Ester do Prado. **Família/escola:** a importância dessa relação no desempenho escolar. 2009. Disponível em <<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/1764-8.pdf>>. Acesso em: 12 out 2016.